

# RESTRIÇÕES E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS EM ARIANO SUASSUNA: UM PERFIL BIOGRÁFICO

Mariana Ramalho Procópio \* \*\*

## Resumo

Este trabalho constitui-se em uma discussão inicial a respeito da configuração discursiva do gênero biografia. Como objetivo principal, pretende-se identificar restrições e estratégias do gênero supracitado e ainda especificar os elementos do subgênero biografia jornalística. Para tanto, procede-se uma análise da obra Ariano Suassuna: um perfil biográfico, de Adriana Victor e Juliana Lins, com base na Teoria Semiolinguística e nas conceituações sobre biografia pelo jornalista Sérgio Vilas Boas. Por meio de nossas análises, foi possível identificar elementos lingüísticos e também discursivos e situacionais para a caracterização da biografia.

\* Universidade Federal de Minas Gerais

**Palavras-chave:** Análise do Discurso, Biografia, Ariano Suassuna.

## Introdução

O jornalismo contemporâneo tem passado por profundas transformações. As novas tecnologias, a convergência das mídias e as alterações nos tradicionais modelos de comunicação fizeram com que a atividade de produção/ divulgação informativa tivesse que se adaptar às características da atualidade bem como às alterações nos processos de produção/recepção de informações. Nesse âmbito, jornalistas e empresas jornalísticas passaram a utilizar outros gêneros discursivos – além dos tradicionais gêneros notícia e reportagem – para a produção noticiosa e para satisfazer ao perfil do leitor contemporâneo. Podemos destacar a biografia como um dos gêneros discursivos mais presentes no cenário

nacional<sup>1</sup>. Vilas Boas (2002) acrescenta que as biografias Chatô – o rei do Brasil (1994), Mauá – empresário do império (1995) e Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha (1995) estão entre os maiores sucessos de crítica e público dos anos 90, atingindo uma média de aproximadamente 127 mil exemplares vendidos até março de 2001.

A biografia consiste na narração da vida de uma pessoa, a partir do plano de leitura adotado pelo autor que, no caso de nossa abordagem, é um jornalista. Para que a biografia se constitua e seja reconhecida enquanto gênero é necessário, pois, que sejam obedecidas algumas restrições do gênero. Ao mesmo tempo, é permitido ao biógrafo, sujeito comunicante desta situação comunicativa, a realização de algumas estratégias para persuadir seu leitor e convencê-lo, além de captá-lo para leitura da mesma.

\*\* Bolsista do CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico na modalidade Doutorado

1 Através de uma consulta informal aos sites das três maiores livrarias do país (*Cultura, Saraiva e Siciliano*) e de duas revistas semanais de abrangência nacional (*Veja e Isto é*), percebemos nas duas últimas semanas do mês de agosto e as duas primeiras semanas do mês de setembro/2008 a presença de pelo menos uma biografia na lista dos 10 livros mais vendidos no mês.



Uma análise dessas restrições e estratégias é o que nos propomos a fazer neste artigo. Faremos algumas pontuações sobre a noção de contrato comunicacional e gêneros discursivos conforme nos apresenta Charaudeau (1992, 2004, 2008) e apresentaremos também algumas definições sobre o gênero biografia, notadamente nos trabalhos de Vilas Boas (2002, 2003). Para uma melhor exemplificação de tais conceitos, utilizaremos a obra Ariano Suassuna: um perfil biográfico como objeto de estudo em nossa análise.

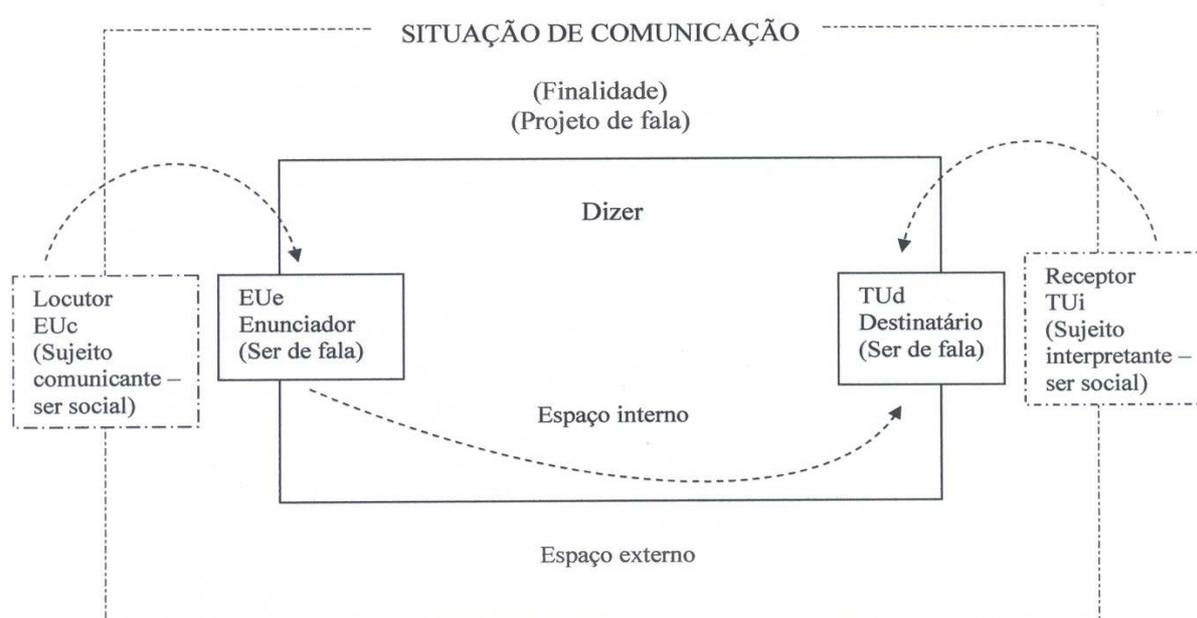
### Contrato Comunicacional: um espaço de restrições e estratégias

A Teoria Semiolingüística entende o discurso como um objeto multidimensional, resultante da interação entre o mundo, enquanto realidade, e da linguagem, enquanto produção social de forma e sentido. A significação discursiva, portanto, será resultado da articulação das relações entre o circuito interno (lingüístico/discursivo) ou circuito da palavra configurada, onde estão os “seres de palavra”; e o circuito externo

(situacional), onde se situam os seres empíricos, capazes de organizar o mundo real em mundo linguageiro.

Nestes circuitos, interno e externo, Charaudeau (1992) propõe a existência de duas instâncias: uma de produção e uma de recepção. De um lado, temos um sujeito-comunicante (EUc) e um Tu-interpretante (TUi) que estão em um espaço ou circuito externo: é o espaço do fazer, onde os seres do mundo real vão acionar a palavra, levando em consideração os universos psicológicos, sociais e comunicativos em que estão envolvidos. EUc e TUi são então considerados como atores sociais, parceiros do ato de linguagem da palavra enunciada, são marcados por uma identidade psicossocial. Do outro lado, temos a dupla Eu-enunciador (EUe) e Tu-destinatário (TUd), que ocupa um espaço interno ou, em outros termos, o espaço do dizer; são seres de palavra que personificam os protagonistas da comunicação. Para uma melhor exemplificação de tais circuitos, Charaudeau (2008) propõe o seguinte esquema:

**FIGURA 1 – Quadro comunicacional**



Fonte: CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 52.



Entretanto, para que a comunicação se efetive, é necessário que haja uma espécie de contrato entre os parceiros do ato de linguagem. Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 132) definem o contrato como:

O conjunto das condições nas quais se realiza qualquer ato de comunicação (qualquer que seja sua forma, oral, escrita, monolocutiva ou interlocutiva). É o que permite aos parceiros de uma troca linguageira reconhecerem um ao outro com os traços identitários que os definem como sujeitos desse ato (identidade), reconhecerem o objetivo do ato que os sobredetermina (finalidade), entenderem-se sobre o que constitui o objeto temático da troca (propósito) e considerarem a relevância das coerções materiais que determinam esse ato (circunstâncias).

Este contrato compreende uma série de convenções, restrições, estratégias e manobras existentes entre os parceiros, definidas nas instâncias de produção e recepção discursivas. Além disso, é necessário que haja uma certa competência linguageira entre os parceiros para que haja tal reconhecimento:

A noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análoga à sua. Nesta perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma proposição que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de convivência. (CHARAUDEAU, 2008, p. 56)

Essa competência linguageira também se faz necessária para que a compreensão e as estratégias comunicativas sejam válidas e se concretizem. Caso contrário, ainda que os parceiros se reconheçam, o ato de

linguagem não será compreendido. Ao mesmo tempo em que numa determinada situação comunicativa, os parceiros do ato de linguagem devem submeter-se a certas convenções comunicacionais (entendidas aqui como situacionais, discursivas e linguísticas), existe o espaço para a adoção de determinadas estratégias por parte dos sujeitos envolvidos na situação de comunicação:

[...] o ato de linguagem se mantém numa constante manobra de equilíbrio e de ajustamento entre as normas de um dado discurso e a margem de manobra permitida por esse mesmo discurso. Tais manobras discursivas vão dar lugar à produção de estratégias, por parte dos sujeitos comunicante e interpretante. (MACHADO, 1998, p.117)

Tais estratégias serão desenvolvidas pelo sujeito comunicante de acordo com suas intenções de influenciar ou produzir determinados efeitos sobre seu interlocutor, o sujeito interpretante. Para tanto, o sujeito se valerá de procedimentos argumentativos a fim de legitimar ou inferir credibilidade à sua fala, ou ainda captar o seu interlocutor. De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 219) temos a existência dessas três etapas com os seguintes objetivos:

[...] etapa de legitimação que visa determinar a posição de autoridade do sujeito, uma etapa de credibilidade que visa determinar a posição de verdade do sujeito, uma etapa de captação que visa fazer o parceiro da troca comunicativa entrar no quadro de pensamento do sujeito falante.

Na tentativa de legitimação, o enunciador se apoiará numa posição de autoridade (seja institucional ou pessoal) para se pronunciar. Já na tentativa de alcançar credibilidade, o locutor se posicionará de maneira a determinar uma posição de verdade. Ora o enunciador





optará pela neutralidade, ora pelo engajamento, ora pelo distanciamento. E por fim, quando estiver em cena o jogo de captação, o locutor tentará convencer o interlocutor sobre sua fala. A maneira pela qual ele conquistará o convencimento e a adesão dependerá de sua finalidade: polêmica, persuasão, interpelação, dramatização, etc.

Encerradas por hora a apresentação sucinta da Teoria Semiolinguística, apresentaremos, a seguir, algumas pontuações sobre o gênero biografia, notadamente sobre os aspectos estruturais e discursivos.

### **Algumas considerações sobre o gênero biografia**

Para caracterizar os gêneros de discurso, Charaudeau (2004) salienta que devemos considerar a ancoragem social do discurso, a sua natureza comunicacional, as atividades languageiras e as características formais dos textos produzidos. Especificamente, devem ser notados os componentes do contrato comunicacional, as restrições discursivas e os aspectos da organização formal de um texto.

Neste sentido, podemos dizer que para a Teoria Semiolinguística, o gênero de discurso é situacional, ou seja, o conjunto de restrições e estratégias que o regem leva em consideração: a situação de comunicação, a identidade e os papéis dos parceiros, a finalidade do ato comunicativo, as expectativas da interação, a tematização, o dispositivo físico e material e as características estruturais do texto (modos de dizer, restrições discursivas, estilo, etc.).

É possível perceber ainda que as competências e memórias discursivas são ativadas para a identificação dos gêneros. Todos os elementos devem ser analisados em relação à situação de comunicação e pelo viés do conhecimento e das crenças de cada um dos parceiros da situação de comunicação. Mendes (2007) ressalta

que estes elementos devem ser considerados de maneira conjunta para a produção e reconhecimento dos gêneros discursivos.

No que tange ao estudo dos gêneros, não podemos deixar de mencionar as chamadas transgressões de gêneros, que Charaudeau (2004) caracteriza como transformações nas regras do contrato que rege o gênero. Essas transformações acabam por gerar um novo contrato e, conseqüentemente, um novo gênero. Ao contrário das transgressões, existem também as variantes genéricas. De acordo com Mendes (2009), trata-se de subgêneros, isto é, textos que obedecem ao essencial das características de um gênero e de seu contrato, mas que especificam ou modificam algum de seus componentes.

### **Biografia**

De acordo com Lima (2004) a biografia é uma narrativa em torno da vida, do passado, da carreira da pessoa em foco, isto é, biografada. É um produto social que documenta um passado de alguém. Ponto pacífico é dizer que a biografia é o biografado segundo o biógrafo. Neste sentido, queremos dizer que a construção do personagem biografado depende do viés adotado pelo biógrafo, o que caracteriza o produto como um trabalho autoral. De acordo com Vilas Boas (2002) dizer que a biografia é um trabalho autoral significa dizer que a biografia é uma narrativa que constrói o biografado de uma maneira dentro de um conjunto de inúmeras outras possibilidades. Ainda de acordo com Vilas Boas (*op. cit.*), as classificações ou os subgêneros mais comuns das biografias são:

- *Biografia Jornalística*: modalidade elaborada e escrita por um jornalista com experiência profissional em veículos de conteúdo jornalístico.
- *Biografia Intelectual*: narrativas da vida de filósofos, antropólogos,



sociólogos ou qualquer intelectual renomado. Em geral é escrita por biógrafos sintonizados com a obra completa ou com o campo do biografado.

- *Biografia Literária*: empregada apenas para realçar o campo – biografias de escritores, poetas e ensaístas, redigidas por teóricos da literatura, críticos literários e/ou especialistas.

- *Biografia Científica*: narrativas que tratam da vida de alguma personalidade cuja obra ou trabalho seja reconhecido no campo científico, notadamente das ciências exatas ou naturais. Costumeiramente, são escritas por pessoas do meio científico.

Outra variante ou subgênero das biografias seriam os perfis. Estes também são considerados como narrativas que descrevem a vida de uma determinada pessoa, um determinado personagem. Entretanto, são descrições mais curtas e mais fáceis de serem encontrados em publicações jornalísticas. De acordo com Vilas Boas, esse tipo de texto deve ser nomeado como perfil jornalístico e caracteriza-se por ser:

um texto biográfico curto [...] publicado em veículo impresso ou eletrônico, que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um determinado indivíduo, famoso ou não. Tais episódios e circunstâncias combinam-se, na medida do possível, com entrevistas de opinião, descrições (de espaço físico, épocas, feições, comportamentos, intimidades etc.) e caracterizações a partir do que a personagem revela (às vezes sem dizer). (VILAS BOAS, 2002, p.93)

Podemos dizer, então, que o perfil é um texto biográfico curto destinado para a imprensa. Trata-se de uma obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum

motivo, desperta interesse. O principal objetivo deste gênero é apresentar uma narrativa mais humanizada, capaz de captar o presente e o passado do personagem sem o reducionismo jornalístico.

Vilas Boas (2003) acrescenta que as principais características dos perfis são: diálogos interativos, informações sobre o cotidiano, projetos e obras do sujeito, opiniões do sujeito personagem do perfil sobre temas contemporâneos.

### **Breve análise da obra *Ariano Suassuna: um perfil biográfico***

O nosso objeto de estudo é a obra *Ariano Suassuna: um perfil biográfico*, escrita pelas autoras Adriana Victor e Juliana Lins e publicada em 2007. Trata-se de um livro 136 páginas que apresenta aspectos da vida e obra de Ariano Suassuna, intercalados por fotografias, boxes informativos, bibliografia das obras do escritor e ainda uma lista de livros considerados pelo personagem biografado como fundamentais em sua vida.

### **Restrições do gênero biografia**

Conforme apresentamos anteriormente, todo contrato de comunicação traz consigo um espaço de restrições e estratégias. Sendo os gêneros de discurso também situacionais, isto é, sendo estes também configurados por um contrato, eles estarão também sujeitos a restrições e estratégias.

No caso de nosso objeto de estudo, estamos diante de um subgênero da biografia, pois não houve alteração nesse contrato comunicacional, mas uma especificação de elementos de do contrato. Este fato já pode ser percebido, num primeiro momento, no próprio título da obra *Ariano Suassuna: um perfil biográfico*. O título já sugere que encontraremos ali características do subgênero perfil quanto do gênero



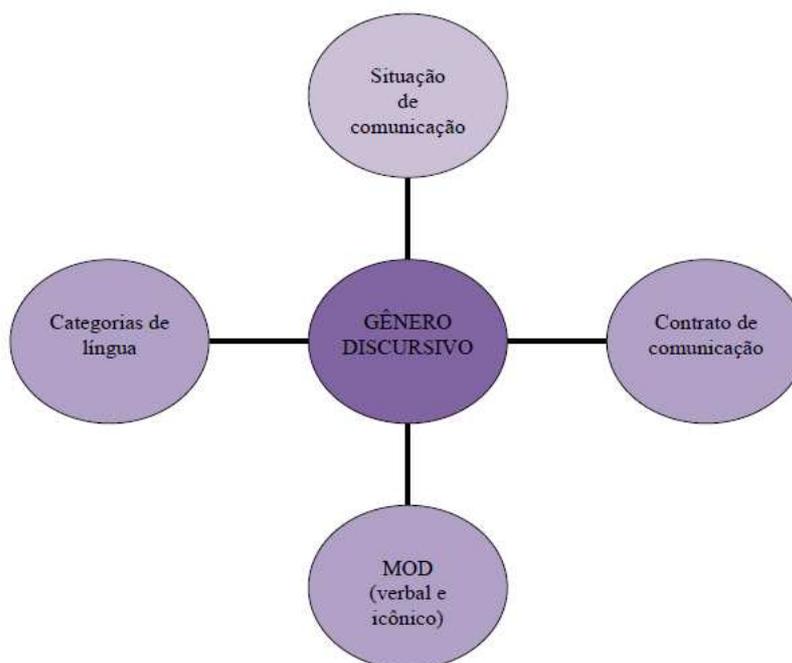


biografia. No decorrer de nossa análise, pudemos perceber que este indicativo do título se configura.

A partir, então, da proposta de Charaudeau para definição de gêneros e das definições de biografia por Vilas Boas, gostaríamos de elencar algumas características que poderiam

nos auxiliar na definição/reconhecimento do gênero biografia, tendo como base nosso objeto de estudo. Para identificarmos essas características, partiremos de um diagrama por nós desenvolvido (PROCÓPIO, 2008, p.46) em nossa dissertação de mestrado:

**FIGURA 2 – Constituição dos Gêneros do Discurso**



Fonte: PROCÓPIO, M.R. **O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. Dissertação de Mestrado. p.46.

Cada componente irá apresentar algumas características, no que concerne à identificação da biografia como gênero de discurso. Seguindo o sentido horário, apresentaremos as especificações de cada componente. Em *situação de comunicação*, podemos identificar:

- *Identidade dos parceiros*: temos como parceiros desse ato de comunicação os sujeitos comunicantes Adriana Victor e Juliana Lins, que possuem uma autoridade para serem consideradas como biógrafas. Este sujeito comunicante composto projeta o sujeito enunciador que

também é composto: Adriana e Juliana enquanto narradoras dessa biografia. O personagem desta biografia é Ariano Suassuna, pessoa cuja vida e obra despertam interesse público, ponto este necessário para tornar uma pessoa como personagem de uma narrativa biográfica.

- *Suporte e circulação*: a biografia adota aqui o seu suporte clássico que é o livro. Este é comercializado e distribuído nos moldes convencionais: livraria, lojas físicas e virtuais, editora.
- *Público-Alvo* (entendido aqui como TUd, proposto por



Charaudeau, 1992): pessoas que gostam/ se interessam por literatura e pela vida e obra do escritor Ariano Suassuna.

- *Estatuto do gênero*: obedece ao estatuto factual, isto é, trata-se de um gênero que tem como predominância situações possíveis, caracterizando assim a factualidade (MENDES, 2004). Entretanto, podemos também encontrar no mesmo objeto de estudo presença da ficcionalidade colaborativa, como por exemplo, as biógrafas, que simulam, recriam diálogos e situações vivenciadas por Ariano. Nesse caso, o uso da ficcionalidade vem para auxiliar, para ilustrar sem com isso prejudicar o estatuto factual do gênero.

Já no componente *contrato de comunicação*, estabelecemos:

- *Convenções*: divisão em capítulo, para facilitar a leitura e acompanhamento da obra; estruturação de uma seqüência majoritariamente cronológica, para caracterizar assim a vida do biografado.
- *Visadas discursivas*: informativa, lúdica e estética. A obra, enquanto representante do gênero biografia, visa informar sobre a vida de determinada pessoa.

No que concerne aos modos de organização do discurso, encontramos o narrativo e o descritivo numa maior gradação. Quanto às categorias de língua, apresentam-se aquelas destinadas aos procedimentos de narração e descrição, isto é, a utilização de verbos é predominantemente no passado, o uso de adjetivos é freqüente para a caracterização dos personagens e situações por ele vivenciadas, são descritos e localizados os espaços mais significativos para a história.

Entretanto, estas características não são suficientes para demarcar e reconhecerem a especificidade do subgênero biografia jornalística ou perfil, caso do nosso objeto de estudo. Para a conceituação do que estamos definindo como biografias jornalísticas ou perfis, acrescentaremos as seguintes propostas, baseando-nos no trabalho de Vilas Boas (2002):

- Inserem-se nas modalidades não-periódicas de retratação dos fatos, isto é, trata-se de um texto com características jornalísticas, mas que não seguem a periodicidade dos gêneros jornalísticos, pois fazem o uso de outro suporte: o livro;
- Possuem mecanismos sofisticados de captação da realidade distante e imediata e de estruturação e redação, isto é, a captação da realidade não é realizada apenas pela entrevista, mas pode também ser realizada pela análise documental, pela observação participante, pelas técnicas da história oral, etc.
- Têm um compromisso com a investigação e com a acessibilidade, uma vez que estas são premissas da atividade jornalística e nesse sentido fazem uso de recursos icônicos como boxes, fotografias, ilustrações, diferenciando assim o projeto gráfico.

### **Estratégia de legitimidade**

Sobre as autoras, Adriana é jornalista e foi assessora de imprensa de Ariano enquanto este foi secretário da cultura de Pernambuco. Juliana é roteirista e autora de livros sobre personalidades da música brasileira. Estas informações aparecem na *orelha* do livro:

Juliana Lins é roteirista e também autora dos livros sobre Pixinguinha,





Adoniram Barbosa, Paulinho da Viola e Braguinha da coleção mestres da Música no Brasil (com André Diniz) e o livro Quando éramos virgens (com Rosane Svartman). (VICTOR; LINS, 2007). (grifos nossos)

Tais informações já nos permitem considerar que existe uma proximidade entre as autoras e o personagem biografado ou ao menos com o universo cultural brasileiro. Ao apresentarem tais informações<sup>2</sup>, acreditamos estar sendo configurada uma estratégia de legitimidade por parte das autoras: elas se apóiam no estatuto profissional (principalmente de Adriana) para garantirem sua autoridade no tratamento do assunto. Exata constatação pode ser evidenciada pelo trecho transcrito abaixo:

para a criação deste livro tivemos muitas colaborações. Uma das mais preciosas foi uma longa conversa com Ariano Suassuna, que nos recebeu em sua casa, no Recife, numa tarde de outubro de 2006. [...] Além dela, mais recente e especialmente voltada para o livro, contamos também com uma série de entrevistas formais e muitas outras conversas informais *entre uma de nós, Adriana, e Ariano, proporcionadas pela longa relação de trabalho e, sobretudo, de amizade e afeto entre os dois*. (VICTOR; LINS, 2007, p. 133) (grifos nossos)

Ao se mostrar como assessora do escritor, Adriana visa levar o sujeito interpretante a acreditar que ela seria a pessoa mais indicada para tratar do assunto. O sujeito comunicante quer demonstrar que, além de assessora, é também amiga do autor.

### **Estratégia de credibilidade**

Quanto à estratégia de credibilidade, dissemos anteriormente que essa pode ser realizada por meio de três tipos de posicionamentos: a neutralidade, o engajamento ou o distanciamento. Na

análise, percebe-se que as autoras procuraram, na maior parte da narrativa, demonstrar uma posição de neutralidade. Acreditamos que esta estratégia foi adotada por uma delas já possuir uma relação pessoal e profissional com o biografado. O assessor de imprensa costuma ser rotulado socialmente como um *marketeiro*. Conforme Viana (2004) tem-se o estereótipo de que o assessor é capaz de qualquer coisa para produzir uma “boa imagem” de seu assessorado na mídia. Tendo como base este estereótipo, é possível pensar que foi necessário deixar claro que determinada proposição era verdade independente do seu julgamento e das ações da assessora de Ariano. Quem revelava determinados fatos, não era a Adriana amiga e assessora do escritor nordestino, mas tais fatos já eram de domínio e conhecimento público e independiam da valoração ou julgamento das autoras:

Mas a nossa história termina mesmo é com o imperador da Pedra do Reino, guerreiro e rei de honra do Maracatu Rural Piaba de Ouro, no centro do palco, ou do picadeiro armorial, homem paraibano que viveu em Pernambuco mais do que em qualquer outro lugar do mundo, sertanejo sem lá ter nascido, brasileiro por nascimento, convicção, orgulho e admiração a seu povo. Criador de cabras e literatura. (VICTOR; LINS, 2007, p. 123)

No trecho em questão, é possível perceber que Adriana e Juliana buscam retomar muitas informações trazidas na narrativa, e a maioria delas passíveis de comprovação. Não está demonstrada a opinião, o julgamento das autoras sobre o personagem e sua obra, mas informações e valores difundidos na sociedade e expostos no decorrer da biografia.

Nos momentos em que era necessário um julgamento de

<sup>2</sup> Tais informações são complementadas por uma foto de Ariano, sua esposa Zélia com as autoras.



determinadas informações, percebemos que as biógrafas preferiram recorrer ao posicionamento de outras pessoas. Estas pessoas eram dotadas de legitimidade para proferir as opiniões como no exemplo abaixo, quando as autoras utilizam opiniões de outros escritores para qualificar Ariano e sua obra:

Ao ser publicado pela primeira vez, em 1971, [o romance *A Pedra do Reino*] foi celebrado e saudado como obra-prima por vários escritores. Rachel de Queiroz diz, no prefácio, que o livro “é romance, é odisséia, é poema, é epopéia, é sátira, é apocalipse... epopéia calcada nos sonhos, nas loucuras, nas venturas e desventuras e nas alucinações genealógicas do cronista-fidalgo, rapsodo-acadêmico e poeta-escrivão D. Pedro Dinis Ferreira Quaderna”. E afirmou: “só comparo o Suassuna no Brasil a dois sujeitos: a Villa-Lobos e a Portinari”. João Cabral de Melo Neto dedicou um poema ao livro e ao autor. Carlos Drummond de Andrade declarou: “Ah, escrever um livro assim deve ser uma graça, mas é preciso merecer a graça da escrita, não é qualquer vida que gera obra desse calibre”. (VICTOR; LINS, 2007, p. 93) (grifos nossos)

Por meio deste procedimento, as autoras procuram conferir credibilidade à sua narrativa, isto é, procuraram produzir um efeito de verdade sobre o discurso relatado. A adoção dessa estratégia também pode ser analisada sob o viés do jornalismo. Por se tratar de um subgênero da biografia (caracterizado como biografia jornalística e/ou perfil), as autoras devem obedecer às especificações de tais subgêneros.

### Estratégia de captação

Em relação à tentativa de captar e persuadir o interlocutor, Charaudeau e Maingueneau (2004) definem que ela pode ser realizada de duas maneiras: por meio da polêmica, na qual o sujeito enunciador visa provocar um questionamento dos valores difundidos e da própria credibilidade das informações e do interlocutor; ou por meio

da dramatização, segundo a qual o sujeito irá “colocar em prática uma atividade discursiva feita de analogias, de comparações, de metáforas etc., e que se apóia mais em crenças do que em conhecimentos para forçar o outro a experimentar certas emoções”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 93)

Por meio de nossa análise foi possível perceber um uso incisivo da dramatização como estratégia de captação. A todo o momento, as autoras procuraram “recriar” o cenário, o ambiente a que se referem na narrativa, através do uso de músicas, de ditos populares, etc.:

Os sertanejos que vivem no campo, quando vão às vilas e à cidade dizem que vão à rua. Nas fazendas, ouve-se sempre: “Acabei de vir da rua”, ou “Faz tempo que não vou na rua” Falando assim, a gente do Sertão não se refere a uma rua específica, mas à cidade, ao vilarejo. A infância na rua de Taperoá tinha uma atração maior que todas as outras para Ariano: o encantamento do circo. (VICTOR; LINS, 2007, p. 27) (grifos nossos)

O uso dos diálogos também pode ser considerado como uma tentativa de dramatizar, de encenar uma determinada situação, visando à representação de um momento específico com uma maior verossimilhança e contribuindo assim para captar e persuadir os interlocutores:

O delegado ao descobrir o sobrenome de Ariano, perguntou:  
- Qual seu parentesco com o dr. Sualo Suassuna?  
- Ele é meu irmão, respondeu.  
E veio a repreensão:  
- O senhor, integrante de uma das mais respeitadas famílias do Recife, tomando banho?  
- E o senhor não toma, não?, questionou Ariano.  
- Mas nu?, continua o delegado.  
- E por acaso o senhor toma banho vestido?  
A gaiatice custou uma noite inteira na cadeia, numa cela compartilhada entre os amigos. Sobre ela, Ariano, disse: “Hoje, é uma história boa de contar, mas ruim de passar”. (VICTOR; LINS, 2007, p. 67-68)





Com a descrição minuciosa da situação, por meio da demonstração do diálogo, as autoras procuram construir um feito de verdade para a captação dos interlocutores.

Outros recursos que podem ser considerados como elementos de uma estratégia de captação, dizem respeito ao planejamento gráfico da biografia. A narrativa é ilustrada por muitas fotos pertencente à família Suassuna. Além disso, são intercalados entre os capítulos boxes informativos que visam informar ou explicar uma determinada informação trazida na narrativa. No caso da morte do pai de Ariano, por exemplo, temos um box que contextualiza todo o cenário político da Paraíba no início do século passado para que as possíveis razões para o assassinato possam ser compreendidas.

Ainda sobre o projeto gráfico, o livro é também decorado por imagens e símbolos estilizados da obra de Ariano e do sertão nordestino. Através do uso desses recursos icônicos, percebemos também uma tentativa de dramatização, isto é, de encenação do universo cultural nordestino para que o interlocutor seja envolvido com aqueles valores e universo simbólico. A diagramação da obra, além de familiarizar o interlocutor com a cultura nordestina, contribui para caracterização de uma visada estética, que capta o leitor pela beleza, plasticidade e harmonização

dos elementos linguísticos e icônicos da biografia.

### **Considerações Finais**

Por meio de nossa análise tentamos identificar alguns elementos necessários para a identificação/ produção/reconhecimento da biografia como gênero discursivo. Foi possível perceber que tais elementos são tanto linguísticos, quanto discursivos e situacionais. Ainda, tais elementos podem pertencer tanto ao estrato verbal quanto icônico.

A identificação de apenas alguns destes elementos não é suficiente para estabelecer que um determinado texto pertença ao gênero biografia. Para produzirmos ou reconhecermos um texto como pertencente a tal gênero é necessário mobilizarmos nossas competências languageiras para articularmos a identificação de todos esses elementos.

Definir um gênero, pois, não é tarefa fácil. No entanto, para procedermos qualquer pesquisa em análise do discurso é fundamental identificarmos e caracterizarmos o gênero discursivo com o qual vamos trabalhar. Esperamos com essa breve análise termos ao menos iniciado a caracterização genérica das biografias para os futuros trabalhos nossos e daqueles que se interessarem pelo tema.

## **DISCURSIVE RESTRICTIONS AND STRATEGIES IN ARIANO SUASSUNA: A BIOGRAFICAL PROFILE**

### **ABSTRACT**

This work discloses an initial discourse analysis about the discursive configuration of biographies. As main objective, it intends to identify the restrictions and the strategies of the genre above mentioned and it also tries to specify the elements of the sub genre journalistic biography. In order to, it intends a discursive analysis of the book Ariano Suassuna: um perfil biográfico, based on Semiolinguistics Theory and using the concepts of biography from the journalist Sergio Vilas Boas. Through our analyses, it was possible to identify linguistic elements and also elements discursive and situational elements for the characterization of the biography.



**Keywords:** Discourse Analysis; Biography; Ariano Suassuna.

Artigo submetido para publicação em: 24/05/2010

Aceito em: 19/05/2011

## REFERÊNCIAS

- CHARAUDEAU, P. (1992) **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris, Hachette.
- \_\_\_\_\_ (2004) Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (orgs) **Gêneros: Reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, NAD/FALE/UFMG. p.14-41
- \_\_\_\_\_ (2008) **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (2004) **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto.
- LIMA, E. P. (2004) **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole.
- MACHADO, I. L. (1998) A análise do discurso e seus múltiplos sujeitos. In: MACHADO, I.L.; CRUZ, A. R.; LYSARDO-DIAS, D. (orgs) **Teorias e Práticas Discursivas: Estudos em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG Carol Borges. p. 111-122.
- MENDES, E. (2004) **Contribuições ao Estudo do Conceito de Ficcionalidade e de suas Configurações Discursivas**. Belo Horizonte: FALE/UFMG. Tese de Doutorado.
- \_\_\_\_\_ (2009) Notas de aula tomadas no Curso **A Teoria Semiollingüística em suas fontes: aspectos teóricos e práticos**, ministrado pela professora Emília Mendes, no PosLin da FALE/UFMG, no primeiro semestre de 2009.
- \_\_\_\_\_ (2007) Notas de aula tomadas no Curso **Ficção/Literatura: Interfaces Discursivas**, ministrado pela professora Emília Mendes, no PosLin da FALE/UFMG, no primeiro semestre de 2007.
- PROCÓPIO, M. R. (2008) **O ethos do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento**. Belo Horizonte: FALE/UFMG. Dissertação de Mestrado.
- VIANA, Francisco. (2004) **Comunicação Empresarial de A a Z: temas úteis para o cotidiano e o planejamento estratégico**. São Paulo: Editora CLA.
- VILAS BOAS, S. (2002) **Biografias e biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus.
- \_\_\_\_\_ (2003) **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Sumus.
- VICTOR, A.; LINS, J. (2007) **Ariano Suassuna: um perfil biográfico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.